

Diretor:  
ÉDIO FARIA  
Redator:  
HUGO MUND JR.

# OASIS

Jornal da A. C. E. — TUDO PELA CULTURA

Corpo de redação:  
JOÃO P. SILVEIRA  
JOEL PALADINO  
LÉO COUTINHO  
HÉLIO MAGALHÃES

ANO I

Florianópolis, — Outubro — 1949

N.º 1

## Este Jornal

Depois de passar por inúmeras dificuldades, depois de tentar, lutar, confiando sómente na boa vontade, conseguimos levar ao prelo este pequeno jornal.

OASIS foi fundado para a mocidade, exclusivamente para os jovens de boa vontade, que queiram sair deste meio duvidoso em que se encontra a juventude brasileira. Este meio de má literatura, má cinema, má cultura. Assim lançamos um brado à mocidade para que colabore conosco neste jornal; pretendemos abrir novos horizontes à nova geração e descobrir novos valores. Aceitamos qualquer colaboração, desde que sejam aproveitáveis.

Talvez este jornal não tenha muita aceitação, pois estamos sujeitos ao erro, sobretudo iniciando a nossa cultura. Estamos na fase embrionária.

Creemos que conseguiremos triunfar, pois a boa vontade é a base do nosso movimento.

## CINEMA

H. M. Jr.

Chegou a época de percebermos o quanto é maléfico o cinema. Não falo do verdadeiro cinema em que existe arte, mas sim deste cinema vulgar e escandaloso. Como todas as artes, o cinema também se deturpou; tornou-se um veículo de homens indiferentes à arte e à moral para os seus ganhos. Estes homens destroem a finalidade artística do cinema. Devemos compreender que estes filmes baratos foram feitos única e exclusivamente para fonte de renda ilimitada; para estes cineminhas suburbanos, onde afluem milhares de pessoas iguorantes; para indivíduos que não sabem o que fazem e buscam somente o divertimento. Não quero dizer que, de agora em diante, abandonemos o cinema, não. Procuraremos, no mínimo, escolher os filmes que vamos apreciar, não só na sua

## Dostoievski e a nova literatura

H. M. Jr.

Dostoievski foi um escritor essencialmente estranho; um escritor que soube levar os recônditos da alma ao papel. Ninguém poderá defini-lo acertadamente, pois depara com os mais singulares obstáculos; sua própria existência é bastante singular. Nunca teve uma morada, um ganho ou um modo de agir metódico; sua vida é uma corrida contínua, pontilhada de incerteza e angústia.

Dostoievski escreve obscuramente, dando vida ao tétrico e ao misterioso. É obscuro porque todos os seus personagens parecem sair de uma escuridão indecifrável; personagens confusos, anormais e invulgares. É tétrico porque os seus cenários são lúgubres. É misterioso porque os seus enredos são, digamos um tanto

qualidade moral, mas também na arte.

Devemos combater os filmes que roubam a ideia artística do cinema e transformam em mera atação dos olhos e não para o deleite da alma. O cinema inartístico e escandaloso nos muda o caráter e a personalidade... Tornamo-nos homens vãos, homens tolos, sem pensamentos próprios. Tornamo-nos escravos do cinema.

Alem disso o cinema ruim tem muita influencia sobre o patriotismo do nosso povo.

Por exemplo: o cinema dos Estados Unidos; nos seus filmes vemos toda a sua vida familiar e fora dela. Vemos coisas muito melhores que no nosso país. Ve mos que ali está um povo democrático, sincero e idealista, quando a realidade não é assim. E começamos adorar este país e a desprezar o nosso. Mas nós não vemos os seus erros, os seus "podres".

Isso eles não revelam, não colocam nos filmes.

Contudo isto só acontece no cinema mau. Os filmes que têm arte não trazem estas ideias superficiais de propaganda, trazem a realidade ou a realidade nua da vida.

banais, mas que a força de sua linguagem os torna magníficos.

Não é necessário ler a sua biografia. Basta ler as suas obras e aí encontramos a sua vida; toda sua dor, a sua desgraça e o seu infortúnio, que o acompanharam sem piedade até o túmulo, estão impressos nas suas páginas: o seu degredo em a Casa dos mortos, o seu vício em um jogador, a sua tragédia nas outras obras

Lendo-o, caímos num abismo profundo, completamente falso; abismo de tortura e de miséria, de mistério e de enigma. E caímos nesse abismo sem sentirmos, lentamente nos vemos envolvidos por uma teia de terror.

Dostoievski, como alguns outros escritores russos, nos mostra a degradante penúria do povo russo de sua época; nos mostra também o pensamento russo. Contudo, hoje em dia, o estado lastimoso deste povo é muito maior. E a penúria de seu povo é a de muitos outros.

Dostoievski é algo novo para nós; mas ele chega demasiado aos extremos da tristeza e da melancolia. Seria melhor não ler Dostoievski, pois encontramos nele ideias negras e aterrorizantes.

Uns tacham-no de louco, outros de vagabundo... entretanto é isso que vemos em seus trabalhos.

Dentro as suas obras, destacam-se: Crime e Castigo, Os Irmãos Karamasoff, A Casa dos Mortos, O Idiota, Humilhados e Ofendidos, etc...

Dostoievski foi um revolucionário no seu tempo, mas é muito mais ainda no nosso. Não só está revolucionando a nossa época como também revolucionará as épocas vindouras. Sua influência é quase completa na literatura hodierna, talvez, de todo o mundo. Em muitos escritores contemporâneos se nota aquela minúscula gota da literatura Dostoievskiana. É o grande escritor russo lido, estudado e discutido com real interesse e atenção.

\*\*\*

Um dia destes estava eu falando com um amigo e conversa vae conversa vem, o meu colega afirmou com toda sua convicção; "Os brasileiros não prestam, são um povo ignorante, atrasado cultural e industrialmente".

Fiz ver a ele que é justamente por isso que a nossa mocidade deve trabalhar, não porque o brasileiro não presta mas sim para debelarmos o atraso cultural e industrial que na realidade não estamos ainda no nível em que deveríamos estar, embora o progresso tenha sido regular e seguro nestes últimos tempos.

Ele respondeu-me da seguinte maneira: "Uma andorinha não faz verão." Sim, estou de acordo, mas uma andorinha pode convidar as outras, não é verdade? São justamente estas pessoas que atrasam os esforços das poucas que procuram o engrandecimento do Brasil. Estas são justamente as pessoas que sabem tudo como deve ser feito, e que se estivessem governando não fariam um governo errado (porque para eles tudo que os outros fazem é errado e só eles como é o certo) enfim iriam arrumar o Brasil.

Alem destes que tudo fazem no banco de jardim existem os indiferentes, aos quais tanto faz a agua correr para cima como para baixo é a mesma cousa.

Mas, pior ainda são os que sendo brasileiros falam mal do povo a que pertence elogiando outros povos como os Ingleses e principalmente os Americanos. Devido a influencia do cinema pensam que a vida nos Estados Unidos é um mar de rosa e o proprio país um Paraíso terrestre. E assim ficam a pensar na casa do visinho enquanto a sua propria casa cai. Dizem também que os artigos nacionais não prestam e que os melhores são os estrangeiros. Ainda um dia destes fiquei indignado; entrei numa loja e enquanto esperava a minha vez vi que uma sra. pediu a caixeira preções das quais a vendedora trouxe duas espécies, uma nacional e outra americana. A sra. nem discutiu, disse logo: Da-me uma dúzia da americana a nacional não presta.

Isto foi causado por ne

**EXPEDIENTE :**

DIRETOR :

Édio Faria

REDATOR :

Hugo Mund Jr.

**CORPO DE REDAÇÃO :**João P. Silveira  
Joel Paladino  
Léo Coutinho  
Hélio Magalhães

REDAÇÃO :

Rua Dr. Ferreira Lima n.º 65

Aceitamos toda e qualquer colaboração, devidamente datilografada e assinada, desde que sejam aproveitáveis.

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

gociantes inescrupulosos ou melhor fabricantes que nos artigos que saíam perfeitos diziam ser estrangeiro e os de inferior qualidade diziam: é nacional.

Por causa disto é que devemos trabalhar com redobrado esforço para sermos em breve tempo um povo rico e forte entre povos ricos e fortes.

\*\*\* Léo Meyer Coutinho

**JOSE' MARTINIANO DE ALENCAR**

(1829 — 1822)

**VIDA** — Nasceu a 1.º de maio de 1829 na cidade de Mecejana, no Ceará. Formou-se em direitos em S. Paulo em 1850. Neste mesmo ano seguiu para o Rio de Janeiro onde foi jornalista, advogado, docente do Instituto Comercial, deputado, dramaturgo, romancista e poeta. Achando-se adoentado partiu para a Europa em 1876, regressando logo depois ao Rio de Janeiro onde morreu a 12 de Dezembro de 1877

**CRITICA** — Alencar era muito melindroso e pessimista, retraía-se pela mínima coisa e muito sofria; preocupava-se muito com a formação de uma literatura nacional. Capacidade ele possuía para realizá-la, mas lhe faltavam dons, comunicações e simpatias pessoais.

Alencar foi indianista e superior a Gonçalves Dias. Seu indianismo é superior ao de Dias, porque os seus índios amam, sentem, vivem, falam e morrem como índios e não como civilizados. Tinha muitas facilidades de escrever, num vocabulário rico. Era dotado de poderosa imaginação, sempre prestes a alçar a natureza do Brasil de grande talento descritivo, ágil nas paisagens e de um brilhantismo intenso nas cenas humanas.

Foi ele o primeiro a dar

à prosa o louvor artístico no Brasil. Seus tipos não são tão reais como os do inglês Hawthorne pois para Alencar faltava psicologia.

**PRINCIPAIS OBRAS** — O Guarani, O Sertanejo, Demônio Familiar (drama), Iracema, Mãe (drama), Filhos de Tupan (poema), O Jesuíta (drama), Ubirajara, Ermitão da Gloria, Tronco de Ipê, Cartas de Erasmo e Discursos Parlamentares.

**O GUARANÍ** — O Guarani, é um livro que trata do romance de um índio chamado Peri, para com uma moça chamada Cecilia. Este índio, segundo argumenta o livro, é um homem alto, boa aparência, polido e com quasi todas as características se um artista de cinema. Ela, por sua vez, encantadora. Ceci amava Peri, é evidente, mas não por amor; Peri gostava dela sem que ela soubesse. Arriscava a propria vida para salva-la. Depois de uma serie de acontecimentos o índio Peri ve realizada a sua aspiração, tornando-se Ceci orfã, por motivo da morte de seus pais, em uma invasão dos indígenas vizinhos. Peri consegue salva-la da sanha dos invasores da natureza, saindo, a flutuar com ela, sobre as águas de uma enchente. Este

romance como, vds vedes, mente, pois, o indigena brasileiro é um tipo feio, despolido e em geral é o contraste do indio Peri.

**IRACEMA** — É a história de uma india, mas é mais um poema em prosa do que um romance.

**ERMITÃO DA GLORIA** — É um romance que versa sobre a vida de um aventureiro que amou uma moça que podia ser sua filha. Ele, Luçena; ela, Maria da Gloria. Ambos se amavam loucamente mas não declaravam este amor. Na parte em que ele chega de viagem, ao passar pela casa de Maria da Gloria, entra e a encontra morta em um caixão e dezenas de pessoas a velarem. Ele se ajoelha, faz uma promessa à Nossa Senhora da Gloria, e para que esta fizesse ressucitar sua amada. Minutos após, Maria da Gloria vem a sí... E assim sucessivamente irrealidades.

Neste romance o autor se deixa levar por um pieguismo, exagerado. Há muitas coincidências. Há muita tragédia e inverossímel, mixtos. É, como falei ainda a pouco, José de Alencar foge do campo real para o campo do irreal, pois, lhe faltava psicologia.

**O PERÚ** Conto de **João Paulo Silveira**

— Sempre sustentei, querida tia Marta, que as histórias de assombrações não devem nunca ser contadas para as crianças. Estas bobagens que apelidam de "suspense", diminuem toda a coragem dos meninos e transformam-nos em crianças medrosas, irritadiças, sem atrativos nenhum.

Ora, deixe de bobagens, Manuel! Haverá, porventura algum mal em narrar uma historiazinha ingênua e sem importância de monstros e velhos horrendos para uns anjinhos que ainda nem pensam? Mais tarde, com o tempo, eles averiguarão que tais historietas não passam de meras baboseiras. Irão rir-se deles mesmos, até, por acreditarem em semelhantes disparates. É, Manuel. Neste lado eu discordo de você. Sempre adormeci meus filhos com lendas de assombrações e, no entanto, nenhum deles é medroso, irritadiço, ou mesmo, nervosão. Ainda ontem a noite,

o Pedrinho entrou só, no banheiro, pegou a escova de dentes, a pasta e voltou com a mesmíssima calma.

E olhe que não estava nada iluminado...

— Bem, tia Marta, pode ser que eu esteja enganado. Isto são apenas meras suposições. Por via das dúvidas, porém, não desistirei deste meu ponto de vista enquanto não presenciarmos algo que o destrua completamente. Entretanto, duvido que este algo aconteça. É difícil demais...

— Pois você há de ver. Como pode ser possível, então, que uma criança dormindo assustada, fique nervosa a vida inteira? Não.

Não é possível. O Carlinhos, que é o mais sensível de meus filhos, não tem medo de coisa alguma! Dorme sozinho no seu quarto, lá no sótão e nunca me incomodou por causa de medo.

Neste momento, abre-se re-

pentinamente a porta e entram correndo na sala três crianças: duas louras e coradas, numa azáfama cheia de ruidosa expansão. São dois meninos e uma menina. O primeiro, Pedrinho, o mais velho, de 9 anos, é gordo e bochechudo, de estatura mais baixa que os demais. O segundo, Carlinhos, porém, é a antítese do primeiro. Magro, e espichado, de olheiras fundas, narigão comprido e reto. Exibe uma expressão apalermada, de quem estivesse sempre sonolento, sempre apático. A menina, Luízinha, é viva e esperta. Expõe à mostra um sorriso singelo e encantador.

As tres crianças correram até junto a mãe numa gritaria alegre e ingênua:

— Mamãe, mamãe, não vai matar o Perú? Olhe que amanhã é o dia da Páscoa!

— Mate agora, mamãe, mate!

— Ora, meus filhos, agora eu ando muito ocupada. Não

posso matar. Dá muito trabalho.

— Puxa, mamãe, eu estava com tanta vontade de ver... É tão gosado!

— Não, benzinho. agora eu não posso. De maneira alguma. Só se o Manuel quiser...

Vamos, Manuel, vamos! — gritaram todos ao mesmo tempo, puxando-me pelo paletó.

A disposição era pequena, mas, não havia outro remédio. Tinha mesmo de ir matar o Perú, malgrado meu. Dirigi à dispensa e munindo-me de uma faca de cozinha, retorquí, sorrindo, às crianças:

— Vocês irão ver um espetáculo que nunca viram na vida. Uma coisa extraordinária mesmo...

— O que é, Manuel, o que é? Diga depressa!

— Esperem e verão...

Marchamos todos para o quintal. Lá estava o Perú. Um Perú gordo e magestoso, amarrado pelo pé ao tronco de um

pecegueiro, pedindo uma panela, como dizia tia Marta. Num instante foi trazido até junto a mim. Apalpei-o inteiramente, fazendo um ar de mestre no assunto. Segurando-o fortemente pelo pescoço, apoiei-o num tóro de madeira que rolava ali perto. O pobre do bicho esperneava desesperado, adivinhando, talvez, o seu triste fim. As crianças respiravam ansiosas, numa expressão mixta de dó e curiosidade. Levantei lentamente a faca, demorando uns instante com o braço no ar, como a procura de um lugar decisivo para desferir o golpe. Então, num gesto breve, desci violentamente o braço, vibrando uma pancada única e seca. A cabeça do perú saltou para fóra, jorrando golfadas de sangue. Lia-se nas faces das crianças uma expressão de assombro. Pulando imediatamente para o lado, deixei que ocorresse o prometido espetáculo. O perú decapitado, lavado em sangue, saiu a correr pelo quintal à fora, descrevendo várias voltas, até cair sem vida. Pedro e Luizinha riram e bateram palmas. Carlinhos, porém, permaneceu calado, muito sério. Sua vista fixava a cabeça do perú. Os olhos saltados das órbitas, o bico aberto, borbulhando sangue, a língua para fóra. Era realmente uma coisa terrível e nojenta de se presenciar. Eu nunca havia observado minuciosamente este fato talvez, por ser tão banal. Mas agora, confesso que senti um calafrio a me percorrer as espinha.

Findo o espetáculo, fomos todos novamente para dentro. Pedrinho e Luizinha comentavam divertidamente o acontecimento. Riam e imitavam os últimos gestos do infeliz perú. Falaram-me para que fosse sempre eu o carrasco da casa. Carlinhos, todavia, sentara-se na cadeira a um canto da cozinha e permanecera pensativo e mudo. Tia Marta extranhou-lhe isto. Perguntou com vivacidade: — Então, Carlinhos, que me diz do espetáculo?

Carlinhos levantou a cabeça, olhou-a com a sua expressão apalermada, sonolenta. Seus olhos estavam abertos e medrosos. Erguendo as mãos até quase o rosto, comprimiu os dedinhos, como que para explicar por meio de gestos e balbuciu entrecortadamente:

— Aqueles olhos... aquele bico aberto... aquela língua... feio!... feio!... Minutos depois o caso caiu no esquecimento. As crianças saíram a brincar novamente. Eu me despedi de tia Marta e seguí para a minha casa.

— II —

Passou-se uma semana que eu não via tia Marta e as crianças. Um dia, porém, a Zul-

mira, vizinha de tia Marta, apareceu em meu bangalô, avisando-me que fosse até lá, pois o Carlinhos estava passando muito mal. Vesti-me rapidamente e corri à casa de tia Marta.

Tia Marta recebeu-me aflita, desesperada da vida:

— Nem queira saber, Manuel, o que aconteceu! O Carlinhos desde aquele dia da morte do perú anda assombrado, inquieto, nervoso... Já não dorme nem come direito. Vive a descrever a cabeça daquele maldito perú e a vê em toda a parte, em todo o canto. Acho que ele está ficando louco. Ontem ele gritou a noite inteira... parecia um doido, Manuel, um doido varrido... Que devo fazer?

Recebi um choque. Não era possível. Como poderia aquela brincadeira impressionar tanto o pobre do Carlinhos? Não podia ser verdade. E era eu o único culpado. Se eu soubesse disso antes... Entretanto, procurei acalmar tia Marta:

— Tenha calma, tia. Ele não está ficando louco. São apenas nervosismos passageiros. Isto cessará logo. Olhe: diga-me onde ele está que eu irei contar-lhe umas histórias

— Está deitado em seu quarto, no sótão. Vá lá, Manuel, por favor! Veja se o distrae um pouco. Nem que seja por alguns momentos. Vá!

Fui. Subi a escadaria do sótão e abri lentamente a porta do quarto. Deitado numa cama, Carlinhos fitava concentradamente o tétó:

— Olá Carlinhos, como vai — perguntei jovialmente.

Carlinhos teve um sobresalto. Olhou-me com a expressão apalermada. Os olhos estavam demasiadamente abertos e saltados. Ergueu as mãos até quase o rosto, comprimiu os dedos e falou baixinho, intercaladamente:

— Os olhos... o bico aberto... o sangue... oh! feio... feio!... Estremei. Fiquei momentaneamente estupefado, sem saber o que fazer.

Num instante, porém, recuperei a calma e principiiei uma história de fada, uma história de príncipes e reis, uma história encantada. Carlinhos não parecia ouvir. Continuava a olhar fixamente para o tétó. Experimentei conversar. Não me respondeu. Limitou-se apenas em me observar com os seus olhos sonolentos. De repente soltou um berro horrorizado, selvagem, histérico, que até hoje ainda ressoa em meus ouvidos:

— O PERÚ! O PERÚ! O PERÚ!

Sai correndo do quarto, louco de pavor. Nunca havia presenciado coisa tão arripian-te! Desci velozmente a escada

até que um pensamento me fez estacar: — o que diria à tia Marta? Que faria para que a deixasse em calma e sossego? Teria ela escutado os gritos?

Continuei a descer a escada, devagar. Tia Marta esperava-me inquieta. Perguntou-me como ele ia. Não escutara nada. Mentí. Respondi-lhe que estava melhorando, que lhe contara várias histórias e que dormiria na casa, aquela noite, a afim de ajudar no que fosse necessário. Pedrinho e Luizinha, brincavam de cabra-céga no meio da sala.

\*\*\*

A noite veio se aproximando lentamente. Uma noite escura, de um céu turvado por uma cortina anuvada. Eu e tia Marta conversávamos na cozinha. As crianças já haviam ido para cama. Nenhum de nós tinha sono. Jogamos uma partida de xadrês para melhor passar o tempo. Em dado momento, quebrando a calma reinante, tia Marta perguntou-me à queima-roupa:

— Você acha, Manuel que o Carlinhos ficou assim, tão impressionado, devido as histórias de assombrações que eu lhe contei?

Nada respondi. Porém, a resposta martelava em meu cérebro afirmativamente. Carlinhos tornara-se um medroso, um nervosão, de tanto ouvir as histórias de arrepiar cabelos. Não podia ser outra coisa. Não podia. Pedrinho e Luizinha não eram tão sensíveis quanto Carlinhos. Contudo, mais cedo ou mais tarde haveriam de seguir o mesmo caminho. Não havia dúvidas.

Tia Marta quebrou novamente o silêncio:

— Você acha que Carlinhos está mesmo louco, ein Manuel?

Continuei calado. Não tinha coragem para dizer-lhe o que eu achava. Não me sentia com forças bastante para contar-lhe que o seu filho enlouquecera. Por isso fiquei em silêncio. Um silêncio enervante dolorido, que atormentava ainda mais os nossos espíritos agitados. Demoremos muito tempo sem dizer palavra. O relógio cortava o tempo desesperadamente. Caiam horas por sobre horas numa ligeireza de espantar. O tic-tac apressado partia a monotonia do silêncio

Uma mariposa volteava ao redor da lampada, imprimindo um vulto enorme e ágil na parede.

De repente, uma turbacão nos atacou. Levantamos, de um impulso, a cabeça e quedamos a olhar um para outro, idiotas empedernidos, sem atinar o que fazer. Hediondos, brutais, arrepiantes, desciam a escadaria os berros angustiosos de Carlinhos. Não eram gritos de me-

do, não eram gritos de terror mas, gritos que exprimiam um sofrimento agudo e profundo.

Eram gritos roucos de um condenado, na hora derradeira. Pouco a pouco, todavia, foram acalmando. Ouvia-se agora, mal uns gemidinhos fracos e abafados. Logo após, tudo recaiu no mais profundo silêncio.

Ergui-me. Tia Marta estava trêmula; pálida como um defunto. Corri desabaladamente até o quarto do Carlinhos. O ruído de meus passos na escadaria soou barulhento pela casa toda. Abri a porta. O quarto mergulhava em trevas. Aper-tei, nervoso, o comutador. A lampada acendeu rápida e amarela. Olhei ligeiro para a cama. MEU DEUS! Recuei aterrado! Apoiei-me na parede, tremendo, suando frio! Nunca ví cena tão pavorosa em toda a minha existência! Não pude nunca mais esquecer aquele quadro tético! Ficou gravado para sempreem minha mente angustiada!

Carlinhos estava deitado. Havia uma expressão horrível em sua face. A boca contorcida e aberta. O rosto encolhido dolorosamente. Suas mãos, apoiadas no peito, mostravam os dedinhos finos compridos, segurando duas materias pegajosas, pequenas arredondadas. Na face, dois buracos vazios, horríveis, expeliam filetes de sangue, misturado com uma substancia aquosa.

Carlinhos, no auge da loucura, havia arrancado os olhos.

# SILFBO

(CONTO)

Hugo Mund Jr.

Encontrei Silfbo em uma tarde fria e brumosa de inverno. Como sempre vagueava sem rumo, seguindo o caminho que mais me apetecia, com aquela indiferença peculiar de um ocioso. Chovia; uma chuvinha fina, incômoda.

A paisagem... para que descreve-la? Feia, horrivelmente feia. Pegue um pedaço de papel e trace em riscos negros, fortes, umas árvores, um caminho e uma infinidade de traços verticais saindo das nuvens cinzentas.

Caminhava curvado, pensando na paisagem, na chuvinha irritante, na vida, ponto vago e semeado de confusões... pensar. Homens como eu não precisam pensar, só pensam em futilidades, em vulgaridades, em monotonia.

A chuva engrossava cada vez mais. Minhas roupas já estavam um tanto molhadas.

Parei. Olhei ao redor. Um abrigo?! Sentei-me debaixo de uma grande árvore que me abrigava com sua ramagem de musgo e folha. Quando passaria aquela chuva?

Ouvi um ruído às minhas costas. Estremeci. Virei-me: Um homem se aproximava, todo encharcado, passos lentos, procurando, talvez, um refúgio contra o mau tempo. Encarei-o. Ele fitou-me, curioso. Saudei-o:

—Olá amigo, boa tarde.

Silêncio. O homem sentou, perto de mim, na relva húmida. Tipo estranho, difícil transportar ao papel a sua figura. Eu estava intrigado:

—Chuva maçante, não?

—Sim, bem desagradável-voz cansada de pessoa desacomodada a falar. Boca dura, olhos gélidos, ombrões caídos... desânimo.

—Vem de longe? — Queriam conversar com alguém, pois já faziam horas que eu me achava só. Sou assim, falador; o sujeito aticava a minha curiosidade. Ele respondeu-me com uma pergunta:

—E tu?

—Sou da cidade. Gosto de andar, conversar e me divertir nos bares. Minhas ações consistem em dormir, beber e divagar pelas ruas, pelos parques, pelos campos. As vezes penso ser um fugitivo da existência. É gozado. Mas vai-se vivendo.

—Desperdício de vida... tu não és verdadeiramente um homem, és um parasita do existir.

—Não o entendo.

—Ninguém me entende..

—Falemos como amigos Explique-me, quem és?

—Sou Silfbo, um habitante da solidão, do silêncio, da natureza.

Pensas que o silêncio, a solidão, não têm o seu mundo próprio?

A solidão possui as suas formas, a sua composição; o silêncio os seus ruídos, os seus sons característicos.

— Ora, ora... — eu nada entendia.

—A natureza... tu não a compreendes? Passei a minha vida a refletir sobre uma coisa: a tirania inegalável dos homens. Neste século onde vegetamos, onde estão em entrelaço a tirania e a desigualdade, o bem e o mal, onde se decidirá o futuro da terra, eu vejo uma única maneira de conseguir a paz. É o extermínio do homem-ditador da natureza. Se os homens soubessem a injustiça que fazem á natureza... Oh! Amo-a em toda a sua plenitude, em todo o seu esplendor. Vivo para ela. Fui designado para iniciar o levante da natureza contra o homem-ditador; a revolução destruirá os homens e revelará a verdade. Os homens são

uns invasores cruentes da natureza; envergonho-me de ter a forma, mas não o espírito deles. Sómente a minha constituição material, exterior, é semelhante a estas massas demolidoras.

Silfbo falava com ardor, não procurei interrompe-lo...

— A gente carece reconhecer o erro. O homem para a natureza é um déspota; subjugava-a e não a deixa soluçar um protesto.

Homem: só por teres inteligência, pensas que és o rei da natureza.

Homem: esta mesma inteligência te exterminará. Quando as criaturas pensantes desaparecerem, aí a natureza, com a sua ignorância incompreendida reviverá.

Hã, contudo, um remédio para este acontecimento inalterável: o reconhecimento do engano dos homens. A natureza é incapaz de um erro; de uma injustiça; por isso os homens me repugnam e sou como vês, solitário, reservado, esquecido. Estou cansado da hipocrisia, da maldade, do humano. Vivo a percorrer as florestas, a palmilhar os caminhos naturais, a refletir, a admirar o encanto e a poesia desprezada. Aprendi a conhecer a solidão, a escutar o silêncio. Sei de um lugar muito melhor, de um mundo que para os homens é o sonho, mas para mim realidade. Os homens são uns entes extraviados. Invasores irrefletidos. A natureza corpo unificado, exatidão e compreensão.

—Então não há homem verdadeiro no mundo?-perguntei desejoso de parar com aquele ódio.

— Há sim! O homem sozinho, abandonado e rodeado de paz.

—Mas para que paz? Não vivemos sem ela? Não vejo necessidade de tão duvidosa palavra. Quando o mundo tiver paz, o enfado virá e... oh! Os dias serão os mesmos... a felicidade a mesma... a vida a mesma. Não! Não! Continuemos assim... será melhor termos o mal para melhor gozarmos o bem.

— Tu sendo um perdido, um tolo boêmio, entendes que o mundo pensa assim. É inútil discutir contigo...

— Está bem. Porém, voltando à natureza, unicamente o homem pode ser o soberano dela. Tem inteligência.

—Inteligência? Esse lenite extermínio da natureza é obra de pessoa inteligente? Ela tem os seus sentimentos. Ela tem os seus sentimentos. Ela tem a sua "própria inteligência"... não está de braços cruzados vendo a sua aniquilação. Não. Ela reagirá. Chegará o dia, o dia da completa revolta natural e então veremos o sofrimento, a tortura, a miséria.

Não vejo este dia muito

longínquo... tu bem o sabes. O movimento inicia-se, a natureza auxilia o homem nos seus inventos atômicos, para a sua própria vitória. Há! Há! Há! A vitória.

— Isto são sonhos de louco-disse eu.

—Sonhos? Sim, são sonhos, mas com realidade bem perto. Nada se resolve falando à um indiferente como tu. Prefiro falar à natureza, interrogá-la e expôr meus planos... Não sei por que lhe narrei todos êsses detalhes. Gostas da minha idéia de reabilitar a natureza?

Eu não estava muito de acordo, naquele momento, com êle e mesmo não dei importância às suas palavras. Meses depois, fui começando a compreender a sua idéia. Cada frase, cada palavra se desdobrava no meu cérebro e súbitamente se alargavam para mim os horizontes. Fantástico e maravilhoso. Tudo exatidão e verdade. Verdade. Pela primeira vez coloquei esta palavra sã na minha mente banal. Esta palavra que durante anos e anos não pude pronunciar, nem sequer pensar. Verdade. Entretanto, quando Silfbo me interrogou, eu não sentia disposição alguma para discussões. Antes eu estava alegre, agora...

A chuva passara completamente e a noite se apossava do dia numa rapidez inquietadora.

Silfbo com o rosto ensombrecido, se me afigurava como um pedaço do sobrenatural, do misterioso. Todo o seu corpo denotava uma rocha inquebrável, talhada em forma humana, com cortes retos, angulares...

Levantei a cabeça e disse:

—Idéias pura sesábias, Silfbo. Teu ideal é um pouco obscuro; quando atiro as tuas palavras dentro da cabeça, não posso pensar, não tenho conhecimento algum da matéria em si. Meu corpo desfaz-se, fica só o espírito pairando entre névoas... não sei. Todos os obstáculos desaparecem... tudo foge, permanece exclusivamente, na escuridão do meu escasso mundo interior uma palavra: Verdade. Oh Silfbo! Talvez tu conseguirás o triunfo.

—Não, não vencerei. É duro dizer... a realidade. Saimos do sonho e voltamos ao real... é o tributo da vida.

—Como? Tu um sujeito audaz, forte e sobretudo idealista, não vencerás?

A cabeça do meu companheiro pendeu, perdida. Horrível dôr dilacerava-lhe o peito.

—Vou morrer-murmurou por mim lutaria, não sinto o receio da derrota... é a doença, terrível e incurável. Um empasse de agonia desfigurou-lhe as feições. Tremi. Eu também sofria-Morro. Fogem-me as forças.. foge-me a vida. Dentro de quatro ou cinco dias a natureza

principiará a me transformar em pó. A natureza, minha amada; contudo, este é o castigo por sermos homens.

—Meu Deus! —exclamei eu amargamente.

—Não adianta lamentar. Morro e comigo a essência da idéia. Não te apoquentes. Não culpo a ninguém, nem a mínima, parcela do universo... nasci vivi e morri, é o infalível, a repetição indefinida.

—Mas não tens um adepto, um continuador? — tentei.

Ele abanou negativamente a cabeça.

—Não. Confiei em mim, demais, foi a minha desgraça. Agora é tarde, nada mais resta a fazer.

—Oh!... possues, ao menos um manuscrito, um livro, onde estão expressos os teus pensamentos? Nada? Eu poderia revelar ao mundo a tua obra.

— Não tive tempo de escrever... o tempo foi escasso para pensar... mas creio que tenho alguma coisa aqui...

Apresentou-me uma folha de papel velho. Peguei-o e li as poucas frases ali escritas, numa letra disforme. Transcrevo-as abaixo:

"Em uma igreja uma mulher reza pela filhinha morta; ela está no Céu. Por que a mãe não ora pelo bêbado morto, no mesmo dia, na sargeta?"

Morreu um justo. A família chora; que ignorância. Um suicida atirou-se de um alto edifício. Morreu. Comparei-o a um animal que, perseguido pelos caçadores, despenca-se num abismo.

Surgiram, de repente, na minha mente estas duas palavras: sociedade e hipocrisia. Simplesmente, coloquei um sinal de igual entre as duas.

O máximo de verdadeiros amigos que podemos ter é nenhum. O máximo de harmonia e perfeição que podemos tirar no mundo é a natureza.

Um grande tufão ameaçava a cidade; os homens clamavam aos céus miséricórdia e perdão. No dia seguinte, como não viesse a tempestade, os homens se entregaram à luxúria e aos prazeres(?!).

Interrogação. Não deduzi ligação alguma do escrito com as suas palavras anteriores. Ergui a cabeça para pedir-lhe uma explicação e qual não foi a minha surpresa ao verificar o seu desaparecimento. Sumiu-se. E nunca mais, apesar de tê-lo procurado uns dias, o encontrei. Deve estar dormindo calma e eternamente o sono do fim de todas as coisas. Nunca mostrei o papel que Silfbo me entregou a alguém; seria tolice.

São baldados todos os meus esforços para esquecer Silfbo e tenho a impressionante certeza de me deparar com êle em qualquer dia.